

PONTO TEATRO
apresenta

texto
TIA GO PAT RÍ CIO
a partir de
THOMA S MO RE
ITAL O CAL VINO

dramaturgia
encenação
dispositivo cénico
desenho de luz e vídeo
EMA NU EL DE SOU SA
fotografia de cena
HU GO MAR TINS
multimedia
VI CTOR CAR V ALHO

interpretação
DANI ELA GONÇ ALVES
EMA NU EL DE SOU SA
FILI PE MOR EIRA
O LINDA FAV AS
PE DRO MIGU EL DIA S
RI TA VI EIRA
VAS CO TEM UDO
JOS É SILVA FERN ANDES

participações especiais
AND Lab
por JO ÃO FIA DEI RO, FERN ANDA EU GENIO,
CARO LINA CAMP OS e DANI EL PIZA MIGLIO
D E AU
JO ÃO DOR MINS KY
MIGU EL MO REI RA
R UI HOR TA
SOL PI CÔ



UTOPIA™



EST REI A NACION AL

INFO RES ERVAS + 351 968 255 331 WWW.PONTOTEATRO.COM

PONTO TEATRO
PNTeatro
Associação Cultural
+351 968 255 331
www.pontoteatro.com
ponto@pontoteatro.com

parcerias institucionais



SECRETARIO DE ESTADO
DA CULTURA

dgARTES DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

ARTISTAS UNIDOS

ESMAE

POLITÉCNICO
DO PORTO

THX TEATRO
HELENA SÁ
E COSTA

o espaço do tempo
convento da saudação / Montemor-o-Novo

ZDB

COMPANHIA
INSTÁVEL

EX. ENTERTAINMENT EXCELLENCE

TEMPS
D'IMAGES
LISBOA

A20
STUDIO

TNSJ TEATRO
NACIONAL
SÃO PAULO
PORTO

UTOPIATM

interpretação **DANI ELA GON ÇALVES EMAN U EL DE SO USA**

texto **TIA GO PA T RÍCIO THOM AS MORE, ITA LO CALV INO**

direcção artística, dramaturgia, encenação, dispositivo cénico, desenho de luz e vídeo **EMANU EL DE SOUSA**

participações especiais **AND_Lab** por **JOÃO FIA DEIRO, FERNANDA EU GENIO, CARO LINA CAMP OS e DANIEL PIZA MIGLIO**

D E AU **JOÃO DOR MINSKY** **MIGU EL MOREI RA** **R UI HORTA** **SO L PI CÔ**

figurinos e adereços **PO NTO TEA TRO** fotografia de cena **HU GO MAR TINS** multimedia **VIC TOR CAR V ALHO** assistido por **LE AND RO ALVES (FPCT)** imagem gráfica **E MULTI MEDIA**

apóios **DI RE CÇÃO-GERA L DAS AR TES GO V ERNO DE POR TUG A L** **O ES PAÇO DO TEM PO** **COM PA NH IA IN STÁV EL** **GALE R IA ZÉ DOS B OI S** **ES COLA SUPER IOR DE MÚSI CA** **E AR TES DO ES PE CTA CULO** **TEA TRO HELEN A SÁ E CO STA**

produção **PO NTO E TE AT RO**

classificação etária **M / 12 anos**

duração aproximada **90 min**

estreia nacional **31 OUT U BR O 2013**

A produção inclui extractos áudio de 'Le Sacre du Printemps' (Paris, 1913) de Igor Stravinsky, interpretada pela Radio Philharmonie Orchestre o.o. de João van Zweden, a 14 Novembro 2013, no Concertgebouw em Amsterdão, de 'Le Sacre d'Ist' (St. Esprit/Amsterdam, Porto, 2013) de João Domitov, de 'Nôis e do 'Yoda Games' de Luis del Rey interpretada por Luis del Rey in Born to Die, The Paradise Edition (Polybor/Intemox, 2012). A produção inclui ainda extractos vídeo e imagens de arquivo de Performances de Miguel Melero (Lisboa, Nova Lisboa, 2009), 'Tupac de São Pedro (São Pedro da Nazaré, Barcelona, 2011), 'Vitalité' de AND_Lab por João Figueira, Fernando Figueira, Carolina Campos e Daniel Pizamiño (AND_Lab, Lisboa, 2013).

' John Heglar, Berlin Night (rotterdam: NAW/Utgever Publishers,1993). ' Tiago Patrício, «Utopia» (Lisboa, 2013). ' Ibid. ' Ibid.

A PONTO TEATRO agradece o apoio concedido por parte de Ana Carolina Paulino, Ana Carolina Oliveira, Ana Figueira, António da Câmara Manuel, Carolina Campos, Daniel Francisco, Daniel Pizamiño, Fernando Figueira, Henrique Costa, João Domitov, João Figueira, Jorge Silva Melo, Luísa Moura, Maria Fortalez, Miguel Melero, Nuno Aguiar, Patrícia Sáez, Ricardo e Inês de Castro, Susana Pizami, Sol Pina, Tiago Coelho e a todos os criativos envolvidos na produção que generosamente abraçaram a sua arte.

Não é permitida filmar, gravar ou fotografar o espectáculo. O uso de telemóveis, pagam, régisto ou outros aparelhos com sinal sonoro é inco modo para os espetadores como para os espetadores.

I WILL TELL YOU NOW WHY I LIKE THE AIR I BREATHE, OF COURSE IT KEEPS ME ALIVE

MTAALQOTU

BUT THERE IS A MORE IMPORTANT REASON. IT IS BECAUSE WHEN I BREATHE THE AIR IN I BREATHE IN ALL THE SOUNDS FROM ALL THE VOICES SINCE THE BEGINNING OF TIME, ALL THE OTHER VOICES THAT HAVE PLACED THOUGHTS IN THE AIR, THAT IS

THOMAS MORE

Quase sínto vergonha, caríssimo Pedro Gilez, por vos enviar este livro sobre a República Utopiana com o atraso de um ano, quando o esperáveis dentro de um mês e meio. É com razão. Pois bem sabeis que me encontrava liberto do esforço e do estudo desnecessários à invenção desta obra, e que não precisava já de atormentar o espírito com a disposição e ordenação do assunto. Por isso, apenas me restava pôr no papel tudo o que convosco ouvi contar e afirmar a Mestre Hítlodeu. Nem mesmo o desejo de eloquência, nem o rubescamento, eram qualidades da linguagem de Mestre Rafael. A sua conversa era espontânea, viva e rápida, própria de um homem que se sentia mais à vontade no grego que no latim apañado. Assim, quanto mais se aproximasse o meu relato do seu falar simples e despreziosso, mais próximo se encontraria da verdade; e este é o fim único a que se propõem todo o meu trabalho e estudos. Assim, caro Pedro, confesso que pouco me restava para fazer, concluídas já todas estas coisas. Bem sei que a invenção e disposição desta narrativa requereria, a um espírito elevado e não muito inculto, algum tempo e vagar e mesmo algum estudo. Se, no entanto, se tornasse necessário que o assunto fosse escrito com eloquência, e que a

simples verdade não bastasse, seria tarefa que nem o tempo nem o estudo me teriam permitido realizar. Agora, porém, vindo como todos estes cuidados tinham já desaparecido e me fora evitado tanto esforço e estudo, e que apenas me faltava relatar este assunto tal como me tinham contado, verifico como era fácil e leve, na verdade, a tarefa que me esperava. Contudo, para me dedicar à realização deste pequeno trabalho, os meus outros cuidados e preocupações roubavam-me todo o tempo livre. E como consago diariamente o meu tempo a estudo de leis – quer advogando, ouvindo, arbitrando disputas, ou exercendo o papel de juiz, e tendo para isso que longamente reflectir as sentenças e conselhos – ou andando de um lado para o outro a visitar amigos ou a tratar de assuntos particulares, em resumo, passando o dia fora com os outros e o pouco que dele me resta, em casa, com os meus, tempo algum me sobra, no fim do dia, para mim próprio, isto é para o meu livro. Quando chego a casa, tenho ainda de fazer comida a minha mulher, tagarelar com os meus filhos e falar com os criados. Considero estas coisas como parte dos meus afazeres pois têm necessariamente de ser feitas, para que um homem não se torne um estranho na sua própria casa.

O jovem John Clement, que, como sabeis, também se encontrava presente (pois tenho sempre o cuidado que este espírito jovem, já adiantado nos estudos greco-latinos, não perca ocasião que possa contribuir para o seu amadurecimento); como a dizendo, este jovem lançou no meu espírito uma grande dúvida. Pois quando Hítlodeu diz (se a memória me não falha) que a ponte de Amaurota *[capital imaginária da ilha o Utopia]*, sobre o rio Anidro *[rio principal da ilha]*, tem quinhentos passos, isto é, meia milha de comprimento, John afirma que ela só pode ter trezentos passos de largura. Peço-vos de coração que tenteis lembrar-vos do assunto. Se fordes da sua opinião, escreverei tal como disseis e confessar-me-ei enganado. Se, porém, vos não conseguirdes recordar, terei certamente em conta o que a memória me dita. Tera a maior preocupação em não deixar penetrar no meu livro nada que não seja verdadeiro e, em caso de dúvida, preferia repeti, sem o saber, uma mentira a arquitetá-la, pois prefiro a verdade à astúcia. Neste caso, porém, existe remédio fácil, se tiverdes o inco modo de pôr este problema ao próprio Rafael, se ele aí se encontrar convosco, ou, caso contrário, por carta. Poderéis também pôr-lhe esta dúvida que me escapou, não sei se por culpa minha,

vossa ou do próprio Rafael. Pois nem nós nos lembrámos de lhe perguntar, nem ele de nos dizer, em que parte do Novo Mundo se situa a Utopia. [...] Por todas estas razões, caro Pedro, do coração vos peço que faleis com Hítlodeu, pessoalmente, se vos for possível, ou que então lhe escrevei, para que no meu livro nada se encontre de falso, nem me escape parcela da verdade. [...] Contudo, para vos dizer a verdade, não estou ainda completamente decidido quanto à publicação deste livro. Pois que a natureza dos homens é tão diversa, a imaginação de alguns tão caprichosa, os seus espíritos tão cruéis, tão corruptos os seu juízo, que aqueles que levam uma vida alegre e divertida, arrastado apenas pelos prazeres carniais e sensuais, parecem estar em melhores condições que aqueles que se preocupam com os cuidados e estudos necessários à criação ou publicação de algo que possa ser agradável ou útil para os outros. No entanto, esses outros irão aceitar a obra com mero desdém, desprezo e crueldade. Embora, a grande maioria dos homens é ignorante e muitos desprezam a sabedoria. Os que são rudes e bárbaros só aceitam o que, à sua semelhança, se apresenta bárbaro e rude. E mesmo os que possuem láivos de conhecimento rejeitam, como obra

prazer na leitura da obra, não conseguem encontrar no seu coração uma parcela de estima ou uma palavra amável para o seu autor. São como hóspedes descorteses, ingratos e mesquinhos, que, depois de se empanturrarem de alimentos bons e escolhidos, voltam para casa sem agradecer o anfitrião. Valerá assim a pena oferecer, à nossa custa, banquetes tão preciosos a hóspedes de tão caprichoso e diverso gosto e de natureza tão ingrata e indelicada? Contudo, caro Pedro, procede para com Hítlodeu, rogo-te, da maneira que acima te pedi. Quanto a este assunto, sentir-me-ei, então livre para tomar uma decisão. [...] Despeço-me assim de vós, caríssimo Pedro, sede meu amigo, como sempre o fostes, pois minha amizade, longe de emoecer, não cessa de aumentar. ◻

Extracto da Epístola, Thomas More a Pedro Gilez, enviando saudades, transcrito segundo o campo acórdio utrográfico, in Utopia (Londres, 1516), considerado uma das obras primas do Renascimento.

THOUGHTS ESCAPING FROM THE SOUL THROUGH THE VOICE INTO THE THIN AIR WHICH I BREATHE IN, SOUNDS THAT I CANNOT EVEN HEAR, SILENT SOUNDS FILLING THE AIR THAT OTHER GENERATIONS HAVE SPOKEN INTO, CONSEQUENTLY FILLING ME

C.K.I.K.D.K.A.K.D.K.E

TIAGO PATRÍCIO

Nunca soube o nome verdadeiro dele, quando vinha à consulta, era apenas identificado com uma letra – K. Nem sequer sei se era a inicial do seu nome. O problema dele era tão fácil de identificar como difícil de resolver. Acompanhei-o apenas durante seis meses, claramente insuficiente para qualquer tipo de sucesso na nossa área. A consulta era agendada para os primeiros dias da semana e ele chegava quase sempre depois da hora marcada, mas também saía antes do final da hora, desde o princípio que percebi que se refugiava num esquema de compensações sucessivas. Era uma máquina de projecções e de lamentações. Cumprimentava-me com um aperto de mão. Às vezes a mão dele ficava mais tempo do que aquele que seria necessário. Sobre esse detalhe nunca chegámos a conversar; seria estar a ceder demasiado à sua vontade. Depois de entrar pousava o casaco no cabide, esvaziava os bolsos para cima de uma mesa junto à porta e sentava-se. Durante os primeiros minutos não dizia nada, depois eu olhava para a calendário e perguntava-lhe se havia novidades sobre o último fim-de-semana, o único sobre o qual teria memória activa.

Então ele começava a falar, recorrendo ao jargão típico da idade e das suas relações pessoais. Normalmente dizia coisas como – Fogo, que casa, nunca tinha apañado nenhuma assim, nem sequer me lembrei de lhe perguntar o nome, não sei se está a ver! As primeiras mudanças são as senti nas últimas consultas. O seu excesso de confiança estava marcado pela dúvida. Achei que poderia tentar estabelecer alguma ponte com a realidade, mas depois ele passou a explicar e confessou a origem da mudança. Tinha conhecido uma utopia num sábado à noite. O problema é que não tive tempo suficiente para confirmar se era uma personificação de uma ideia ou pior ainda, a idealização de alguém em particular. Na consulta seguinte repetia sempre o mesmo discurso, dizia que finalmente tinha encontrado um rumo e que tinha alguma coisa a que se podia agarrar, a frase que ele mais me repetia era – Ao pé dela não havia nada que me fizesse falta... Percebi que o problema dele era a impossibilidade de voltar a encontrar aquele estado e que por isso iria continuar a perseguir esse objectivo durante muito tempo. Quando lhe dei mais pormenores tornou-se evasivo. Dizia que não se lembrava de mais nada e não era capaz de reproduzir

uma conversa, uma indicação de estilo, cor dos olhos, tonalidade de pele, origem geográfica, orientação política, religiosa. Apenas o tom de voz. Acho que ele tinha medo que demasiadas explicações sobre aquela utopia, fizessem cair a sua idealização num simples estudo clínico ou pior, sociológico. Havia outra coisa que ele repetia indefinidamente: 5º Esq., 5º Esq., 5º Esq., Tornava-se preocupante, porque ele repetia essa conjugação de palavras em todo o lado. Escrevia em papéis e distribuía na rua: quinto esquerdo, quinto esquerdo. Ou pior, começava a dizer alto: Viu o meu quinto esquerdo, o meu quinto esquerdo? Na última consulta notei que já quase não se alimentava, tinha pouco cuidado com a roupa e não pendurou o casaco no cabide, talvez para esconder a camisa suja por baixo. Naquele dia estava num estado bastante depressivo, dizia que não havia nada como aquela utopia, que aquela era a utopia dele e que a tinha deixado passar e depois continuou por ali adiante, eu antoei apenas algumas frases soltas, que transcrevi para o processo dele: Ao pé dela todas as tristezas desapareceram e apeteece fazer tudo para lhe agradar. Devia ter sido mais corajoso e acreditar nela, deixar as minhas merdas todas

pelas costas e ir atrás dela. Era a única maneira. Aposto que já nem sequer está na cidade, tenho a certeza que se foi embora e deixou-me esse vazio. Apeteece-me fazer meia dúzia de coisas numa mochila e ir atrás dela, para onde quer que ela esteja. Seguir no seu encafo. Amanhã apaño o primeiro comboio da manhã e vou, está decidido. Hoje despeço-me dos meus amigos e amanhã vou-me. Ainda não é tarde. Não sou demasiado novo nem velho demais. Como estou feliz agora e quando da morte ficarei de vigília junto à casa dela, montarei acampamento e farei tudo para poder merecê-la. Sei que vai valer a pena. A minha vida, sem ela... olho para os lados e só vejo coisas sem interesse e sinto um vazio cá dentro. No final ele levantou-se e disse-me, como se estivesse a pedir a transferência para um colega meu, porque sentia que eu já não pudesse fazer mais por ele: Só ela me poderá ajudar. Eu sempre achei que a melhor cura não era o reconhecimento da doença, em raríssimos casos, aceitar ou compreender o diagnóstico é em si um motivo suficiente para ser bem sucedido no que se faz. A obsessão por cair nos braços da doença e depositar-lhe a

vida a seus pé e dizer-lhe como ele prometia dizer: Aqui me tens, faz de mim o que quiseres! Não seria decerto a minha recomendação como profissional de saúde. Mas como ele ainda não representava um perigo para a saúde pública, não me foi permitido solicitar o seu internamento compulsivo. Mas se me perguntarem: E não reparou noutros sinais? Direi que sim e que não, mas por uma questão de confiança no meu doente decidi não transcrever algumas frases que ele não chegou a assumir completamente. Eram mais pensamentos do que vontades expressas, poderia chamar-lhes, divagações: Se puder ter apenas um minuto da sua atenção por dia, um segundo do seu olhar confiante e forte. Oh, como seria feliz se puder acompanhá-la por breves instantes, se puder correr perigos por ela. Se me mandar roubar, matar, fazer pactos e desfazer alianças serei o homem mais feliz e realizado de que há memória. Quero voltar a encontrar essa felicidade de estar nos seus braços, desse retorno ao regaço dela e deixar-me adormecer. E a cada manhã despertarei forte e pronto ao que ela quiser, porá e disporá de mim como de um servente, de um soldado, serrei a sua defesa pessoal e a sua guarda avançada.

Não foi uma surpresa completa quando soube da notícia, ele tinha o hábito de frequentar lugares perigosos e de estabelecer relações muito fortes logo nos primeiros momentos. Dizia que era preciso experimentar coisas que nunca ninguém tinha feito: Já morreu demasiada gente por amor próprio. Agora por amor ao próximo, contam-se pelos dedos. Ele lia bastante, por vezes citava de cor alguns poetas de má memória ou santos que tinham escrito mais do que aquilo que deviam. Uma vez disse-me que tinha encontrado uma frase que resumia toda a sua vida, era de um tal de Agostinho: “Ama e faz o que quiseres”. Se acha que o que ele fez é inquietante e poderá abrir precedentes, não o será também este tipo de frases escritas em livros recomendados e aceites como referências? Ele deixava-se entusiasmar facilmente. Não podia ouvir uma bela ideia, fraterna ou irrealizável. Dizia que o corpo inteiro lhe tremia e que a ponta de ouvir a voz dela. Com os recursos actuais, em que é tão simples marcar encontros e partilhar projectos que nunca foram testados e que sucedido ser um fracasso ou uma calamidade, já imaginou o perigo que corremos. O melhor seria terminarmos por hoje.

Tenho mais gente para atender. E se não compreende como é que alguém pode desperdiçar a vida inteira apenas por uma ideia ou um projecto comum, que nem sequer traz benefícios para o próprio, então o melhor será marcarmos outro encontro. Mas faça um esforço, pense na sua vida e depois pense na vida da sua cidade, procure um calendário electrónico e percorra-o década a década, imagine o mundo antes de si e o mundo depois de si. Mas tenha cuidado com as tentações de posteridade, nesse caso, o melhor será percorrer o calendário século a século e depois regresso às suas preocupações quotidianas. Verá algumas coisas com um sentido mais crítico e outras sem sentido. Tome atenção ao degraú, quando saímos temos tendência a esquecer-nos que ele já estava ali quando entramos. ◻

A História de K. in «Utopia» de Tiago Patrício (Lisboa, 2012), obra desenvolvida em residências na Galeria 21 do Museu do Espaço de Torres e do Lugar, projecto plurianual de criação da Ponto Teatro.

WITH WORDS THAT ARE AN INVISIBLE TEXT. AN INVISIBLE SOUND THAT MINGLES ATENÇÃO, SE VIREM UMA ESTRELA DE TRÊS PONTAS RODEADA POR UMA CIRCUNFERÊNCIA NÃO SE INCOMODEM, ESSA É A MARCA DE UM FABRICANTE DE AUTOMÓVEIS 1 TAKES PLACE GIVING THE SENSE OF SUBLIMITY OF OTHER SILENT TRANSFERENCES 2

EMANUEL DE SOUSA

'Está a falar de técnica? Talvez isto lhe pareça simples ou demasiado vago, mas penso noutro exemplo: um actor está a dizer um texto que você escreveu e você está precisamente a explicar-lhe como o deve dizer, de que forma, com que sentidas e entoação. Mas depois de algumas tentativas continua a não ser dito da forma como você o pensou exactamente. Então você decide despedir o actor e contratar outro mais experiente e para além disso começa a escrever um ensaio sobre esse o texto, para que o actor esteja na posse da explicação total sobre aquele texto que quer que ele diga. Está a seguir-me? – Venha cá dizer como é. E você fica atormentado, sabe que é uma armadilha, porque finalmente percebeu que não conseguirá dizer aquela frase como você próprio sabe que ela precisa de ser dita.' *Pausa.* *In «Utopia»*, Tiago Patrício localiza esta cena numa exploração sobre o ócio entre duas personagens, H1 e H2, num jardim ao pé de uma árvore. *Pausa longa.*

Problema: A árvore não existe. O jardim não se consegue localizar. H1 e H2 não são reais personagens. Mas há o autor. Um actor ou vários intérpretes. E o encenador. E há a relação entre as coisas. E a capacidade. K. Cidade. Várias cidades. *Mutação de cena.* Trilogia do Lugar (2013-2015) é um projecto plurianual de investigação e criação no campo das artes performativas o qual explora a temática do 'lugar' (*topos*, do grego antigo τόπος) – *utopia* (2013), *distópia* (2014) e *heterotopia* (2015) – partindo da justaposição de textos dramáticos e não-dramáticos clássicos e contemporâneos bem como partindo da técnica de 'détournement' como dispositivo formal. Explorando a contaminação e cruzamento de linguagens assente numa ideia de transdisciplinaridade sob uma mesma linha de investigação estética 'intermédia' comum às três instâncias da trilogia, prevê-se a criação de experiências performativas que desafiem a percepção de espaço, intérpretes e público, das noções de ambio e do tempo, da noção de 'lugar'.

A primeira instância da Trilogia do Lugar, **UTOPIA**TM, explora assim as noções de 'não-lugar' / 'bom-lugar' (implicadas no conceito de 'utopia' [o da contracção do grego antigo εὐ / οὐ / 'não' / 'bom'], cuja representação por excelência seria sempre a própria experiência da vida quotidiana. Na discussão da temporalidade e da espacialidade sempre bifurcam dois caminhos de experiências existenciais (em que questões de memória parecem predominar) e do tempo histórico (com os seus interrogatórios sobre o futuro), no entanto, esta fusão de tempo individual e coletivo não pressupõe um eclipse da subjetividade, embora a perda da (burguesa) individualidade é, certamente, um dos grandes temas anti-utópicos. O discurso utópico necessariamente acompanha o surgimento de um modo de produção capitalista, e pretende superar – a um nível ideológico – a disjunção entre as forças produtivas sociais e as condições de produção. Duas variantes comumente referidas como a 'ideológica' e a 'utópica'.

A diferença entre as duas é revelada na ideologia, manter o 'status quo', enquanto a utopia extrapola uma transformação histórica pré-estabelecida que já aconteceu. Ideologia e utopia encontram-se neste nível intermediário de legitimação / contestação do sistema de poder como a relação entre duas direções fundamentais do imaginário social. O primeiro tende para a integração (ou seja, a repetição, 'espelhando' a ordem existente, preenchendo a lacuna de credibilidade de todo o sistema de autoridade e, eventualmente, dissimulando-o), enquanto o segundo tende à desintegração (ou seja, à singularidade, revelando o sobrealvor não-declarado, mascarando falsas pretensões próprias a cada sistema de legitimidade). Reconsiderar a espacialidade utópica para além de concepções anarquistas – uma espacialidade crítica – oferece uma visão sobre a natureza da subjetividade, poder e transformação do espaço social. Das utopias abstratas que oferecem planos perfeitos para viver, produtos de capricho burguês individualista e espacialidades seladas de processos históricos, à utopia concreta como expressão cultural de uma espacialidade aberta, propicia à transformação histórica, podemos antever os fragmentos da experiência traindo a presença de figuras simbólicas – beleza, integridade, energia, perfeição – que serão, elas próprias, posteriormente, identificadas como as formas em que um desejo essencialmente utópico pode ser transmitido. Na nova reorganização tripartida – tempo, corpo e colectividade – em correspondência com os níveis de alegoria contemporânea, podemos avançar o que materialismo já está omnipresente na atenção ao corpo que busca corrigir qualquer espiritualismo ou idealismo persistente neste sistema. Corporalidade utópica é, no entanto, também uma assombração, que investe até mesmo os produtos mais subordinados e emvergoados da vida quotidiana, como aspirinas, laxantes e desodorizantes, transplantes de órgãos e cirurgia plástica,

^[1] A primeira e principal questão

^[2] A primeira e principal questão